

INTERVENÇÃO SOCIAL COM FAMÍLIAS: AS NOVAS TECNOLOGIAS MEDIANDO RELAÇÕES ENTRE PAIS E FILHOS¹

Jucineide Teresinha da Silva Ferreira²

Prof. Dr. Francisco Arseli Kern³

Resumo: O artigo desenvolveu seções que através de revisão bibliográfica tratou da nova sociabilidade introduzida pelas tecnologias da comunicação e do significado do consumo desses aparelhos entre pais e filhos, detendo-se nas novas formas de relacionamento mediado pelas novas tecnologias.

Palavras-chave: Novas Tecnologias. Mediação. Pais e Filhos.

1 INTRODUÇÃO

O termo “família” é proveniente do latim “famulus”, que significa “escravo doméstico”, e foi criado na Roma Antiga para indicar um novo grupo social que surgiu entre as tribos latinas POSTER (1979). Segundo Flandrin (apud Poster, 1979, p.11) “a palavra ‘família’ no Antigo Regime incluía todos os membros da casa”, que poderia ser pais, filhos, trabalhadores e criadagem. No contexto da aristocracia francesa, “historiadores de família partiram simplesmente do princípio de que a família era definida pelo tamanho e pelas relações de sangue” (Poster, p.11, 1979). Logo, surgiram modelos de família que vêm predominando na sociedade ao longo dos séculos, como a família aristocrática e camponesa dos séculos XVI e XXVII, a família da classe trabalhadora no início da Revolução Industrial e a família burguesa de meados do século XIX, A família moderna nasceu no seio da burguesia europeia por volta de 1750, mais tarde em alguns lugares, mais cedo em outros. A família burguesa (nuclear) surgiu como uma estrutura dominante na sociedade capitalista avançada do século XX, e estava localizada em áreas urbanas.

Na era contemporânea, as necessidades capitalistas provocaram mudanças na família, tendo esta como uma unidade consumidora, pois à medida que as necessidades básicas alocadas pelo capitalismo são reconfiguradas em níveis elevados de consumo. O lar da família

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão no Curso Intervenção Social com Famílias/PPGSS/EH/PUCRS 2017.

²Jucineide Teresinha da Silva Ferreira. E-mail: neidi25@hotmail.com;

³Prof. Dr. Francisco Arseli Kern;francisco.kern@puers.br

contemporânea sofre muitas influencias inter-relacionada, como mudanças nos padrões sexuais; na criação dos filhos. Além disso, o movimento das mulheres, que, segundo POSTER (1979), pode ser visto como uma resposta às pressões feitas sob a família pelo capitalismo recente, pois a mulher sai do lar para obter uma oportunidade de trabalho igual a dos homens, além de outras reconfigurações. Apesar da importância que vem sendo atribuída à família, atualmente, as discussões se situam em torno das significativas mudanças que vêm ocorrendo nas configurações familiares contemporâneas as quais avançam através de outras dinâmicas que atualmente é possível observar. O modelo tradicional constituído por pai, mãe e filhos biológicos, ao longo do tempo vem vivenciando um processo de mutação, devido às mudanças sociais que implicam diretamente nestas e em todas as relações entre indivíduos

O conceito de família se constrói ao longo do tempo e dos diferentes lugares, reconfigurando-se em novas formas. É possível pensar nessas reconfigurações em termos das mudanças nos meios de produção, da terra aos bens industrializados, do campo às cidades, e das classes sociais, ou seja, as famílias burguesas, aristocráticas, camponesas e proletárias.

Contemporaneamente, no entanto, permeando todas as novas configurações familiares, constata-se a presença de valores ligados ao consumo de bens simbólicos cuja função principal é a conexão entre pessoas (dentro e fora da família), vinculando a noção de pertencimento social à posse de aparelhos como celulares, smartphones, tablets e outros tantos produtos das sempre novas tecnologias, que por vezes funcionam como mediadores das relações entre pais e filhos.

Neste sentido, o presente artigo desenvolve-se trazendo, além desta introdução, seções que através de revisão bibliográfica tratam da nova sociabilidade introduzida pelas tecnologias da comunicação e do significado do consumo desses aparelhos, para deter-se nas novas formas de relacionamento que promovem entre pais e filhos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 NOVAS TECNOLOGIAS E AS MEDIAÇÕES SOCIAIS

Com o advento da internet e das novas tecnologias, surgem novas formas de comunicação, novos espaços de mediações sociais. A sociedade em rede, como apontou CASTELLS, (2003), em que a distância entre as pessoas já não é mais problema. Essa rede de interconectividade criada pela internet traz com ela outras relações sociais, é um tempo de

mudança, seja no trabalho ou nas suas relações pessoais, sociais e familiares. As novas tecnologias da informação estão mediando a sociabilidade humana através do computador, de laptops, tablets ou smartphones, numa conexão generalizada (LEMOS, 2003).

A internet permite a comunicação em rede numa escala global, abrange todas as atividades humanas. Segundo CASTELLS, (2003, p.8,) “a influência das redes baseadas na internet vai além do número de seus usuários; diz respeito à qualidade do uso. Atividades econômicas, sociais políticas e culturais essenciais por todo planeta estão sendo estruturadas pela internet e em torno dela, como por outras redes de computadores”. Nesse contexto tecnológico o autor também posiciona a questão da linguagem humana, que segundo ele está sendo afetada pelas novas tecnologias: “Como nossa prática é baseada na comunicação, e a internet transforma o modo como nos comunicamos, nossas vidas são profundamente afetadas por essa nova tecnologia da comunicação” (CASTELLS, 2003, p. 10). E essa interconexão redefine os moldes de interação e mediações sociais, logo as novas tecnologias se tornam instrumentos de extrema importância no trabalho, na família, na vida pessoal, na rotina das pessoas.

Logo, sustentada pela internet, cria-se uma rede social como um espaço de interações, onde há atores agindo individual ou coletivamente, onde há trocas de informações locais ou globais e em grupos. São espaços de interação, lugares de fala constituídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade (RECUERO, 2009, p. 25). A autora busca entender o funcionamento dessas relações através do computador, o espaço de interação que o ciberespaço propicia aos atores sociais:

“É preciso constitui-se parte dessa sociedade em rede [...] talvez mais que ser visto, essa visibilidade seja um imperativo para a sociabilidade mediada pelo computador. E Judith Donath (1999) sustenta que a percepção do Outro é essencial para interação humana. Ela mostra que, no ciberespaço, pela ausência de informações que geralmente permeiam a comunicação face a face, as pessoas são julgadas e percebidas por suas palavras” (RECUERO, 2009, p. 26-27).

Como se percebe, há um novo espaço de interação entre indivíduos, mediado pela interconexão de computadores, ou seja, surgem conexões tecnológicas que compõem laços sociais. A interação mediada pelo computador é geradora e mantedora de relações complexas de valores, que constroem e mantêm as redes sociais na internet, mas mais do que isso, a interação mediada pelo computador é geradora de relações sociais que, por sua vez, vão gerar laços sociais (RECUERO, 2009).

Para os autores citados por RECUERO (2009), as relações mediadas pela internet têm possibilidades de serem mais variadas e extensas, constituídas de laços fracos ou fortes e podendo haver distanciamentos ou não entre os atores participantes. Há também trocas de diferentes tipos de informação em diferentes sistemas, como, por exemplo, trocas relacionadas ao trabalho, à esfera pessoal, e mesmo a outros assuntos, os quais são mediados pela internet. Um determinado grupo de atores, por exemplo, pode utilizar diversos sistemas para a interação. Pode utilizar blogs, fotolog para interações de trabalho e estudos acadêmicos; ou o MSN, o Facebook, o Whatsapp e e-mails para interações mais pessoais. Pensando essas mediações e interações que o computador trouxe para nossas vidas, surge uma nova sociabilidade mediada pelas novas tecnologias da comunicação.

2.2 COMUNICAÇÃO, SOCIABILIDADES E AS NOVAS TECNOLOGIAS

A comunicação mediada pelo computador oferece novos lugares, novos espaços para se comunicar. Com o advento da internet, temos uma reconfiguração dos laços sociais, que podem ser mantidos ou não à distância, e que ganharam uma flexibilidade maior. Segundo RECUERO (2009) esses laços sociais surgem da conexão entre um indivíduo e uma instituição, ou grupo e se tornam laços de outra ordem, representados unicamente por um sentimento de pertencimento, ou seja, através do computador, o indivíduo tem a liberdade de navegar e obter informações variadas de seu interesse onde e quando quiser; pode escolher com quem se relacionar, fazer trocas, inclusões e exclusões em comum de informação com quantas pessoas desejar, ao mesmo tempo, pois a distância deixa de ser problema, basta estar conectado na internet. Trata-se de um laço associativo compreendido por laços constituídos através da comunicação mediada pelo computador.

[...] A comunicação mediada por computador apresentou às pessoas formas de manter laços sociais fortes mesmo separados as grandes distâncias, graças as ferramentas como o Skype, os messengers, e-mails e chats. Essa desterritorialização dos laços é consequência direta da criação de novos espaços de interação (RECUERO, 2009, p.44).

Quando falamos dessas novas formas de comunicação, interação e sociabilidade mediadas pelos aparatos tecnológicos, hoje, falamos também da sua influência na rotina do nosso trabalho, da nossa vida pessoal, do lazer e da educação. ROCHA E PEREIRA (2014) trazem um diálogo bastante interessante, referente à sociabilidade na atualidade. Os autores consideram que a tecnologia, através dos usos sociais dos “gadgets”, pode ser um agente facilitador para a prática de sociabilidade:

Gadgets são compreendidos hoje como aparelhos eletrônicos de última geração, aqueles que conferem prestígio e atualidade a quem possui. [...] tais quais meios de comunicação analisados pelo autor [Mcluhan], são “extensão do corpo”, prolongamentos artificiais de sentidos naturais. [...] Faz parte da cultura contemporânea a presença multimídia dos gadgets no cotidiano de todos nós [...] os gadgets também estabelecem uma nova lógica de classificação, transformando modas e modos, relativizando noções antes fixas e indelévels” [...] gadgets possuem um papel central ao simbolizar os estilos, as identidades, as posições hierárquicas ao recolocar e transferir prestígios, a distinção, a magia do encanto. (ROCHA e PEREIRA, 2014, p.32-35).

As inovações mais significativas, especialmente aquelas dedicadas à comunicação entre pessoas, interferem na maneira pela qual passamos a olhar o mundo e a nós mesmos e, conseqüentemente, nos diversos papéis que desempenhamos em nossas relações, em momentos de nossas vidas, e em ambientes diferentes. Trazemos para diálogo essa mudança significativa no segmento da comunicação familiar mediada pelos aparatos tecnológicos de hoje. As novas tecnologias têm influenciado bastante, principalmente no comportamento de pais de crianças, adolescentes e jovens, os quais se apropriaram da conectividade e da sociabilidade que a internet proporciona. Para ROCHA E PEREIRA (2014) há uma influência muito forte das novas tecnologias nas relações:

“As tecnologias influenciam na maneira intensa nas relações pessoais quando se faz parte deste mundo computacional e conectado, pois os celulares, os iPods e smartphps, juntos a tantos outros modernos meios de comunicação, são bens simbólicos da contemporaneidade que sintetizam, de forma exemplar, os valores distintivos em uma sociedade de consumo que, como tal, se sustenta na desigualdade, na diferenciação (Baudrillard, 1981), mas que também estabelece uma lógica bastante particular que inclui, exclui e classifica coisas e pessoas. Rocha e Pereira (2014, p. 16-17).

Ou seja, nesse mundo virtual que hoje faz parte do nosso cotidiano, já estamos falando muito mais através das máquinas, e com as máquinas do que com outros seres humanos. E cada vez elas se tornam mais imperiais em quase todas as nossas ações. Tudo isso foi premeditado por vários autores, que ao longo de suas pesquisas e observações da revolução das novas tecnologias da informação nos deixaram um legado para ser conferido.

2.3 GERAÇÃO DIGITAL

Para NEGROPONTE (1995), na transformação social advinda dos computadores, desde a década de 90, as crianças e os jovens foram os protagonistas. O autor já previa: “A informática não tem mais nada a ver com computadores, tem a ver com a vida das pessoas” Segundo esse autor, havia também uma preocupação com a divisão social da informação que poderia dividir ricos e pobres, os abastados e os despossuídos e Primeiro Mundo e Terceiro Mundo, porém a verdadeira divisão cultural seria a separação de gerações:

Quando encontro um adulto que vem me contar ter descoberto o CD-ROM (livro eletrônico), posso adivinhar que ele tem um filho entre cinco e dez anos de idade. Quando uma mulher me diz que descobriu a America Online (veículo de socialização), ela provavelmente tem um adolescente em casa. Para as crianças, ambos são coisas naturais (NEGROPONTE, 1995, p.12).

As novas tecnologias ganham espaços significativos nas relações sociais e na cultura pós-moderna. Hoje o “capital tecnológico”, que oferece muitas possibilidades, novas formas de cultura e comunicação, está nas mãos de crianças, adolescentes e jovens. Ou seja, eles têm o domínio da linguagem tecnológica, as mais variadas técnicas, habilidades e facilidades ao seu alcance, cujo manejo é “natural” e já faz parte de suas vidas. Aqui será exposto os detalhes do desenvolvimento do artigo.

Em tempos de interatividade, compartilhamento e conectividade na comunicação, acumular capital tecnológico é uma maneira de distinguir-se em diversos campos, sejam eles o profissional, o educacional ou social. [...] neste sentido podemos inferir que os jovens detêm um poder simbólico importante e crescente, sobretudo se considerarmos o lugar, por não dizer, estruturalmente da tecnologia nas esferas social, cultural e econômica, na grande maioria das sociedades contemporâneas (ROCHA e PEREIRA, 2014, p. 29- 30).

Outro autor que traz contribuições para o debate que envolve as novas tecnologias mediando a sociabilidade contemporânea é DAVID BUCKINGHAM (2000). Segundo ele essa nova sociabilidade nada mais é que uma nova retórica das gerações, da geração eletrônica ou da geração digital e que tem como autores principais as crianças e jovens. Buckingham (2000) também traz outros autores como Don Tapscott, Seymour Papert e Jon Katz e Douglas Rushkoff, para uma abordagem das consequências das novas tecnologias e de seus impactos sociais na vida de das crianças, jovens e adultos da geração digital. Segundo Tapscott (apud Buckingham, 2000) há uma diferença de gerações produzida pela tecnologia, pois enquanto os pais são retratados como “tecnofóbicos” incompetentes, as crianças são vistas como possuidoras de uma relação intuitiva e espontânea com a tecnologia digital. Os argumentos de Tapscott (apud Buckingham, 2000) sobre a geração digital baseiam-se em dois conjuntos de oposições binárias, entre tecnologias (a televisão versus a internet):

A televisão é vista como passiva, enquanto a internet é ativa; a televisão emburrece seus usuários, enquanto a internet aguça sua inteligência; a televisão difunde uma única visão de mundo, enquanto a internet é democrática e interativa; a televisão isola, enquanto a internet cria comunidades [...] a geração da internet é antítese da geração tv, são cada vez mais conservadores, hierárquicos, flexíveis e centralizados. Em contraste os jovens da net são ávidos por expressão, descoberta e autodesenvolvimento; eles sabidos, autoconfiantes, analíticos, criativos, inquisitivos, tolerantes com a diversidade, socialmente conscientes, globalmente orientados (TAPSCOTT apud BUCKINGHAM, 2000, p. 73).

Para Tapscott (apud Buckingham, 2000, p.74) seria um “determinismo tecnológico”: “A tecnologia digital resulta em mudanças inevitáveis (e inevitavelmente positivas), enquanto os valores da geração-net substituem os dos filhos do baby-boom, com suas formas de pensar antiquadas e ‘tecnofóbicas’”. Ele também argumenta que a tecnologia garante mudanças estruturais, democratização, liberdade de escolha e expressão, abertura, inovação, colaboração. Outro autor citado por BUCKINGHAM (2000) é Seymour Papert, que vê a internet como uma coisa positiva para as crianças, pois segundo ele a “geração dos computadores” tem um conhecimento inato, quase que natural e uma fluência espontânea que é liberada de algum modo automático por essa tecnologia:

As crianças aparentemente saberiam intuitivamente como usar os computadores. [...] Papert vê isso em termos de uma diferença de “gerações”: como Tapscott, ele representa os pais e as crianças como receosos e incompetentes em suas relações com os computadores, embora relutem em abrir mão do controle (BUCKINGHAM, 2000, p.76).

Em relação à geração de jovens e seus pais diante das novas tecnologias, KATZ (apud BUCKINGHAM, 2000), explica que não há um entendimento entre as gerações, pois os pais, que são da geração do baby-boom estão, afirma ele, cada vez mais conservadores. Eles não conseguem entender a “revolução na informação” ou o caráter “rebelde” da atual cultura jovem, recorrendo assim a tentativas sempre mais desesperadas de controlá-la e censurá-la. Em contraste, os filhos deles é que agora são mais liberais e socialmente conscientes. Porém, o autor é bastante otimista em relação aos jovens, e irônico com a geração de seus pais:

[...] eles aceitam menos a autoridade estabelecida, valorizam a interatividade mais que a passividade, apreciam a diversidade e a franqueza e não gostam de mídias que levam a sério em demasia. São “cidadãos de uma nova ordem [...] as crianças [...] têm o “direito moral” à cultura das mídias, mas elas também precisam negociar com as condições estabelecidas por seus pais. Por exemplo quanto à privacidade, e com as expectativas deles quanto ao desempenho escolar e ao comportamento (KATZ apud BUCKINGHAM, 2000, p.78).

Outro autor que BUCKINGHAM (2000) traz para dialogar sobre a questão da influência das novas tecnologias nas gerações é Douglas Rushkoff. Segundo ele, há certa resistência entre a nova geração das mídias e das telas e seus pais, os filhos do “baby boom”. Ou seja, não há uma compreensão da geração das telas em relação às mudanças que as novas tecnologias oportunizaram para a geração das mídias. Rushkoff (apud BUCKINGHAM, 2000) também argumenta que questão das diferenças de gerações não está relacionada com a tecnologia e sim com a diferença entre “velhas” e “novas” mídias:

Não apenas a internet, mas também a tv a cabo, os vídeos games, a MTV, os jogos de interpretação de papéis e as subculturas da moda — como inerentemente mais “interativas” e, portanto, mais democráticas, do que a “monocultura” hierárquica que as precedeu. Essas mídias, diz ele [Rushkoff], permitem que os jovens se tornem eles mesmos produtores culturais, fugindo assim ao controle de seus guardiões familiares (BUCKINGHAN, 2000, p. 80).

À medida que estes ficam mais velhos, diz Rushkoff (apud Buckingham, 2000), eles simplesmente retornaram aos valores autoritários que tentaram destruir na década de 1960. Os jovens são agora a maior esperança da evolução social:

Enquanto seus pais adotam a linearidade e as confortáveis certezas da modalidade dualista, a “geração das telas” abraça a descontinuidade, e turbulência e a complexidade. Rushkoff argumenta que os jovens têm “habilidades adaptativas naturais” que lhes permitem lidar com os problemas da pós-modernidade; só eles são capazes de entender o “funcionamento secreto da tecnologia” Os adultos terão que abandonar sua função de educadores e modelos e aceitar o fato de que precisam correr atrás para alcançar seus filhos (BUCKINGHAN, 2000, p. 80.)

De acordo com RUSHKOF (APUD BUCKINGHAN, 2000), esses novos modos de ser não aparecem apenas nas formas de mídia preferidas, mas também nos diferentes modos como as crianças se orientam em relação a elas. O “zapear”, o “surfar” entre canais, é modo característico da geração da tela, mais do que a obediência passiva à programação linear. Para o autor, a chamada “geração de tela” desenvolveu novos usos das mídias, processando-as muito mais rapidamente e afastando-se do papel de espectadores passivos.

Ele vê esse processo de adaptação como uma questão de “evolução da espécie” que pode ser explicada em termos de metáforas extraídas do mundo natural: os processos históricos e sociais são vistos como consequências aparentemente arbitrárias de eventos descontínuos. [...]os jovens, ele nos diz, evoluirão naturalmente para o próximo estágio da humanidade. As mídias são nossas “parceiras na evolução cultural” [...] (BUCKINGHAN, 2000, p. 81).

Contudo, ainda que novas mídias interativas, como TV a cabo, videogames e as redes sociais digitais acessadas pela internet, formem uma nova cultura midiática e ofereçam aos jovens usuários a chance de se tornarem produtores culturais, a possibilidade de fuga ao controle dos pais, como vislumbram os autores citados, parece não ser tão fácil assim. Isso porque, de outro lado, os pais também se iniciam nas práticas midiáticas e vêm usando os aparelhos celulares, com seus numerosos aplicativos, justamente como meio de controle (a distância) de seus filhos.

2.4 AS NOVAS TECNOLOGIAS MEDIANDO AS RELAÇÕES ENTRE PAIS E FILHOS

CASTELLS (2003) traz alguns estudos do efeito “isolador” da internet na interação. O estudo da Universidade Stanford, onde NIE E ERDRING (2000) observaram a interação pessoa-a-pessoa e o declínio da interação social com o uso da internet, e para a maioria dos usuários não teve mudança significativa em suas vidas. Já KRAUT et. al. (1998), traz uma amostra de sua experiência com a comunicação mediada por computador, onde 169 famílias participaram. Verificou que o maior uso da internet estava associado a um declínio na comunicação dos participantes com os membros de sua família em casa, um declínio no tamanho de seu círculo social e um agravamento de sua depressão e solidão (CASTELLS, 2003, p. 103). Logo as interpretações dos pesquisadores em relação à comunicação familiar mediada, trouxeram algumas informações, como, por exemplo, a interpretação da Universidade Stanford foi de as famílias recém estavam conhecendo a internet pela primeira vez. O autor mostra o estudo de alguns pesquisadores como Maggio, Hargittai, Neuman e Robinson (apud CASTELLS (2003) que observaram com base num estudo conduzido por Neuman e colegas em 1996, usuários novíços da Internet tendem a experimentar altos níveis de frustração com um meio em que não dominam realmente e que exige esforço de sua parte para romper com seus hábitos. CASTELLS (2003) cita alguns estudos de autores em relação ao impacto da Internet na sociabilidade.

Assim, alguns dos efeitos observados por Kraut et al. (1998) podem estar ligados à inexistência no uso da Internet, e não ao seu uso propriamente dito. [...] Katz, Rice e Aspden (2001) [...] usuários da Internet relataram sensação de sobrecarga, estresse e insatisfação com suas vidas em maior proporção que não usuários. [...] em maior proporção que não usuários, os usuários da Internet relataram maior satisfação e interação social mais intensa com as famílias e amigos [...] No levantamento de Nie e Erdring (2000), a perda de sociabilidade relatada dizia apenas aos usuários mais assíduos da Internet, o que poderia indicar a existência de um limiar de uso da Internet acima do qual a interação on-line sacrifica a sociabilidade off-line. [...] Portanto, de modo geral, o corpo de dados não sustenta a tese de que o uso da internet leva a menor interação social e maior isolamento social” CASTELLS, 2003, p. 104).

A dificuldade de se compreender o impacto da Internet da vida dos atores, das famílias e as mudanças que ocorrem nas suas interações sociais ainda implicam dúvidas. CASTELLS (2003) acredita que para compreender as novas formas de interação social na era da Internet seja tomar por base uma redefinição de comunidade, dando menos ênfase a seu comportamento cultural, dando mais ênfase a seu papel de apoio a indivíduos e famílias. Ou seja, com a internet houve mudanças significativas no comportamento do indivíduo, nas suas formas de interagir através das novas tecnologias que a Internet dispõe para se comunicar.

Logo, os espaços sociais se tornaram redes de sociabilidades estratégicas mediadas pelo computador, tanto para os atores e sua rede de laços fortes e fracos, bem como para as famílias na sua organização nessa rede. Desta forma, CASTELLS (2003) identifica que a grande transformação da sociabilidade em sociedades complexas ocorreu com a substituição de comunidades espaciais por redes como formas fundamentais de sociabilidade.

“Isso é verdade no que diz respeito às nossas amizades, mas é ainda mais verdadeiro no tocando a laços de parentescos, à medida que a família extensa encolheu e novos meios de comunicação tornaram possível manter contato à distância com um pequeno número de familiares. Assim, o padrão de sociabilidade evoluiu rumo a um cerne de sociabilidade construído em torno da família nuclear em casa, a partir de onde redes de laços seletivos, são formadas segundo os interesses e valores de cada membro da família” (CASTELLS, 2003, p.107).

A Internet e as novas tecnologias também mexeram na forma de interagir das famílias, bem como mediando os laços de parentesco. CASTELLS (2003) coloca que a internet tem pontos negativos, ainda não bem definidos, em relação ao isolamento social ou não do indivíduo pelos aparatos tecnológicos. Portanto de um modo geral, é difícil chegar a uma conclusão definitiva sobre os efeitos da internet sobre a sociabilidade (CASTELLS, 2003, p.105). Em relação aos pontos positivos, quando as questões é sociabilidade, interação dos laços familiares, principalmente à distância, mediado pelas novas tecnologias, o autor acentua alguns pontos positivos como a manutenção dos laços e compartilha outros pontos relevantes que VIVIANE WALLER (2000) (apud,CASTELLS, 2003) mostra nos seus estudos :

A internet parece também desempenhar um papel positivo na manutenção de laços fortes à distância. Já se observou muitas vezes que a relações de família, pressionada pela crescente disparidade das formas de família, pelo individualismo e, por vezes, pela mobilidade geográfica, estão sendo ajudadas [...]. Viviane Waller (2000) mostrou o papel da internet no desenvolvimento de novas formas de vida familiar individualizada em seus estudos pioneiros sobre os usos domésticos da Internet [...]. Usaram-na para aumentar o contato com os membros familiares e muitos exibem informação sobre suas famílias na Web. [...] A internet está sendo usada para redefinir as relações de família numa sociedade em que as pessoas estão experimentando novas formas familiares (CASTELLS, 2003, p.109-110).

Uma simples consulta ao buscador Google com a expressão “pais usam celular para controlar filhos” obtém aproximadamente 228.000 resultados em resposta. Dentre eles, constam propagandas de aplicativos de controle para tablets e smartphones, que incluem desde o tempo de permanência até os tipos de conteúdo acessáveis pela internet nesses aparelhos. Há, ainda, outros resultados que dizem respeito a matérias jornalísticas que simplesmente aconselham o uso de diversas formas de controle dos pais sobre os acessos dos filhos (revista Exame, site G1, por exemplo) ou que problematizam se o uso dos aplicativos

para monitoramento das crianças e adolescentes não se constituiria em invasão de privacidade (revista Carta Capital).

GABRIELA DI GIULIO (2004) aponta que o uso de tecnologias para rastrear o que os filhos fazem, por vezes dá aos pais a sensação de que, mesmo ausentes, conseguem controlar a vida de seus filhos e estar por dentro do que acontece com eles. Como fonte, a autora recorre pesquisadora da área da psicologia e professora da USP Ana Cristina França, que diz: "O celular, por exemplo, só serve como uma forma de controle se houver confiança e qualidade de vínculo entre duas partes". Contudo, espionar filhos, recebendo um relatório periódico sobre o que eles andam fazendo, por meio de vários tipos de softwares – como child-safe, watch righth, e-blaster e outros – já é visto por muitos como um abuso, contextualiza Di Giulio (2004), citando outra fonte: "É evidente que um procedimento como esse pode gerar nos filhos um sentimento de profunda frustração. Isso é tão devastador quanto os que ouvem conversas telefônicas ou leem diários dos filhos", considera o sociólogo José Pastore, especialista em relações de trabalho e desenvolvimento institucional, em seu artigo "Espionando seus filhos", publicado no Jornal da Tarde.

Para TAPSCOTT (1999) muito do que acontece na realidade física também ocorre no ciberespaço, segundo o autor os pais ainda não têm uma conscientização, do que realmente a Internet pode oferecer para seus filhos, já que os caminhos são obscuro, infinito, abrangente, aventureiro e cheio de armadilhas, a qual também pode ao mesmo tempo proporcionar conhecimento, aprendizado para pais e filhos.

Isso inclui o que é “boom – geração” de riqueza, aprendizado, diversão, comunidade e amizade -, mas também o que é ruim - pornografia, assédio, atividade criminosa. Assim como os pais devem procurar assegurar-se de que seus filhos desfrutem suas experiências, e delas se beneficiem, no mundo físico, também devem desempenhar positivo. Isso pode ser difícil quando se exige cada vez mais dos pais (TAPSCOTT, 1999, p. 226).

O “Adeus ao tempo de convivência” é um tema do capítulo do livro de TAPSCOTT (1999), o qual o autor descreve que antes os pais passavam mais tempo com os filhos, diferente dos dias atuais. Segundo o autor o ambiente econômico, tanto o pai como a mãe terem que trabalhar para ajudar nas despesas da família seria uma justificativa, mulheres/homens chefes de família sem companheiro (a) aumentou consideravelmente, aumento do divórcio, entre outras situações que coloca em risco o tempo de convivência em família:

“A maioria das mulheres efetivamente faz dupla jornada, uma no lar e outra no mercado de trabalho. [...] A realidade econômica mostra que o arranjo tradicional – pai vai trabalhar e mãe cuida da casa – não é uma opção econômica viável para a grande maioria das famílias. [...] muitos pais estão preferindo não morar com suas famílias – jamais casando ou coabitando. Como observado pelo economista Lester Thurow: “Os homens acabam tendo fortes incentivos econômicos para se esquivar das relações e responsabilidades familiares porque elevam seus próprios padrões de vida ao fazê-lo”. Realidades econômicas dizem que os homens elevam formar famílias sem ser pais” (TAPSCOTT, 1999, p. 227).

Com toda essa realidade que afeta as famílias no passado e atualmente, neste mesmo capítulo de seu livro, TAPSCOTT (1999) insere a importância da nova mídia e suas plataformas de comunicação hoje na vida familiar, colocando-as como instrumentos que entretenham com atividades interativas, construtivas, sociais e educativas para as famílias.

[...] A nova mídia não pode eliminar todos os males sociais, mas certamente pode amenizar algumas das desuniões entre essas crianças e suas famílias. Segundo o autor, a revolução digital também traz muitas novas oportunidades para que os pais e filhos aprendam, colaborem, e façam descobertas juntos. Ela apresenta uma inovação histórica para ser compartilhada e, ao fazê-lo, une as famílias. Também proporciona um meio para os pais se comunicarem entre si, evidenciando pela explosão de linhas e fóruns de bate-papo de pais (Tapscott, 1999, p. 228).

As novas tecnologias trazem novos desafios aos pais, os quais seriam garantir aos filhos o acesso à internet e aos aparatos tecnológicos de comunicação, pois sem essa apropriação as crianças e adolescentes estariam em desvantagem, pois, todos os pais, independentemente da situação econômica, têm a responsabilidade de garantir a seus filhos não apenas o acesso ao ciberespaço, mas também que sua experiência no ciberespaço seja positiva. (TAPSCOTT, 1999, p. 229). Nesse mesmo contexto WERNECK, KOBAYASHI, BORN (2013), mostram que nas últimas décadas, o número de crianças e de adolescentes internautas, com acesso as diferentes tecnologias da informação e comunicação, cresceu exponencialmente. As mídias envolvem os jovens de forma poderosa. É na adolescência, por exemplo, que elas estão mais envolvidas com telefones móveis, mensagens de textos, jogos on-lines e mídias sociais, muitas vezes com a preocupação parental ocasionalmente em excesso. Por um lado, crianças e adolescentes, nascem em um mundo onde a internet faz parte de seu cotidiano, mas, por outro lado, muitos pais e responsáveis não têm o domínio ou o conhecimento sobre a internet, suas possibilidades e dimensões.

“Essa expansão do uso das mídias se dá em parte porque os jovens se adaptam precocemente e são inovadores quanto à tecnologia, com frequência deixando seus pais e professores para trás. Talvez ainda mais importante, as mídias móveis hoje, interativas e cada vez mais com difusão seletiva, oferecem um ambiente fértil para o afastamento dos pais e de outras tarefas desenvolvimentais da adolescência. [...] os adolescentes buscam

independência de pais, professores entre outras figuras de autoridades. Ter um telefone no bolso permite que você circule independentemente ao mesmo tempo em que mantém uma linha de segurança ligada ao aconchego do lar, controle o seu próprio entretenimento e comunicação e interaja com os outros privadamente via mensagens de textos. É comum ver jovens trocando mensagens de textos uns com os outros enquanto estão em grupo familiar ou de amigos” (WERNECK, KOBAYASHI, BORN, 2013, p.36).

Com os aparatos tecnológicos é possível navegar onde quiser e quando quiser, ou para estudar, pesquisar, conhecer e se informar, numa escala global praticamente sem custos, apenas com um “clic”. WERNECK, KOBAYASHI, BORN (2013) acreditam que Internet é porta de entrada para um mundo de informações, pois se constitui como um importante espaço para desenvolvimento de crianças e adolescentes. Segundo os autores a informação circula de forma democrática, uma vez que muitos museus, bibliotecas e canais de notícias disponibilizam informações de qualidade para acesso gratuito. Na atualidade esta conexão que as novas tecnologias proporcionam para pais e filhos, mostra que ainda há barreiras a serem ultrapassadas em relação ao uso, as problemáticas sociais advindas deste sistema digital, bem como a importância desse mecanismo social de comunicação e interação na vida cotidiana. Pois, o que temos são relações de distanciamentos, hierarquias capitalistas orientadas e mediadas pelas tecnologias e uma vida social virtual intensa, afetando de alguma forma a convivência pessoal do indivíduo e da sua família.

3 CONCLUSÃO

O objetivo deste artigo foi abrir uma discussão atual que trata da nova sociabilidade introduzida pelas tecnologias da comunicação e do significado do consumo desses aparelhos e as novas formas de relacionamento entre pais e filhos. A ideia de trazer essa discussão se deu devido à abrangência que as tecnologias têm proporcionado nas nossas vidas, na comunicação, no trabalho, na vida pessoal, e logo na vida familiar também. Na discussão trouxemos uma breve contextualização da família a sua formação ao longo do século e na atualidade e as influências dos aparatos tecnológicos na vida cotidiana familiar. De acordo com os dados obtidos através das leituras bibliográficas, as novas tecnologias surgem com novas formas de comunicação e novos espaços sociais. Ainda não há pesquisas aprofundadas em relação ao impacto das novas nas relações entre pais e filhos, como fala CASTELLS, (2003), pois há muitas dúvidas a serem sanadas e destacando que os aparatos tecnológicos ainda estão em fase de constantes (re) configurações.

A partir de dados observados houve transformações dos laços sociais em laços fracos e laços fortes, tivemos a flexibilidade comunicacional e a diminuição da distância entre pessoas, como diz RECUERO (2009): “estamos em tempo de mudanças em vários aspectos sociais”. O acúmulo tecnológico, a interatividade, o comportamento e a conectividade fizeram surgir uma nova retórica de gerações (eletrônicas e digitais) tenho como atores principais crianças e jovens. Como trouxe ROCHA e PEREIRA (2014) são muitas possibilidades oferecidas, logo surge uma geração digital e ao mesmo tempo uma divisão cultural, ou seja, há separação de gerações, os filhos que têm o domínio, as técnicas e habilidades das tecnologias; e os pais o controle e a autonomia sob os aparatos tecnológicos.

Diante dessas considerações que temos não é uma mediação saudável entre pais e filhos vinda das novas tecnologias, e sim um embate constante pelo uso, o controle e a autonomia das tecnologias. TAPSCOTT (1999) acredita não se tem mais tempo de conviver face a face, logo as novas tecnologias podem ser uma estratégia de interatividade, construtivas, sociais e educativas para as famílias. Desta forma consideramos que a temática família e as novas tecnologias ainda requerem uma releitura mais aprofundada dessa transformação social que as relações sociais e humanas apresentam. Com as dificuldades encontradas em relação à temática, esse artigo pode ser considerado um caminho para uma pesquisa aprofundada da relação entre pais e filhos mediados pelas novas tecnologias.

REFERÊNCIAS

ABREU Cristiano Nabuco, EISENSTEIN Evelyn, ESTEFENON Susana Graciela Bruno (Orgs): **Vivendo esse Mundo Digital; Impactos na Saúde, na Educação e nos Comportamentos Sociais**. Porto Alegre. Editora Artimed. 2013

BORSA Juliane Callegaro, **A família na contemporaneidade**. Blog Para pais e filhos. Porto Alegre, 28 ago.2007.

Disponível em <http://parapaisefilhos.blogspot.com.br/2007/08/familia-na-contemporaneidade.html>. Acesso em 8 ago.2015.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DI GIULIO, **Gabriela**. **Mudanças geram impacto até nas relações pessoais**. Cienc. Cult. vol.56, no.3, São Paulo, jul/set.2004.

Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252004000300009&script=sci_arttext.

Acesso em 25 jul.2016

DON, Tapscott. **Geração Digital: A Crescente e Irreversível Ascensão da Geração Net.** São Paulo, Makron Books, 1999

POSTER, Mark. **Teoria crítica da família.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulinas, 2009.

ROCHA Everardo, PEREIRA, Cláudia e Barros, Carla (orgs). **Cultura e experiência midiática.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Mauad, 2014.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias de comunicação: questão comunicacional e formas de sociabilidade.** Lisboa: Editorial Presença, 1997.